

CARLOS DA TERRA



O
DERRADEIRO
LEVANTE

Considerações

O presente trabalho é uma obra de ficção baseada em fatos reais, e alguns fatos podem ter acontecido mais ou menos como relatados, porém, não têm, necessariamente, nenhum compromisso com datas ou eventos verdadeiramente ocorridos no período sendo o romance circunscrito à visão da época pelo escritor.

Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos terá sido mera coincidência e os nomes citados são de domínio público e fizeram parte da vida diária nos anos referentes ao romance

O autor

1) Labirintos

Quando se olhava para as pessoas, podia-se ver em seus semblantes, a tristeza e a apreensão daqueles terríveis tempos.

Eram tristes os operários que trabalhavam duro nas fábricas e, ao final do mês, verificavam que faltava dinheiro para comprar os mantimentos e fazer os pequenos gastos reclamados por seus filhos.

Mas, quando se olhava com atenção, via-se também um outro lado dessa triste realidade.

Alheia à miséria, à doença e a infelicidade desses operários, uma parte significativa daqueles que se chamavam brasileiros, viviam abastados; tinham mesa farta e esbanjavam e quebravam impiedosamente, aqueles brinquedos que os filhos dos operários costumavam derramar lágrimas para obtê-los, em vão, por que seus pais não podiam comprar.

Não haveria dúvidas quanto à participação desses mesmos pais operários, na compra daqueles brinquedos desperdiçados; não haveria nenhuma dúvida por que foi o suor deles que gerou os recursos, mas na distribuição dos recursos, usava-se uma matemática estranha e injusta!

Na intimidade, nos seus momentos de reflexão, todos se perguntavam:

Seria essa desigualdade própria da natureza humana ou o sistema é que estava errado?

Haveria, a natureza, criado dois tipos de homens: um para viver na fartura e outro na escassez?

Os anos sessenta fervilhavam....

Tanta coisa nova pelo mundão afora....

Enquanto a nave russa Sputnik dava a volta ao planeta, carregando uma linda cachorrinha, chamada Laika – e que retornou- a cidade de São Paulo, com seus prédios enormes, chamados de “arranha céus”, pareciam frios, mas tinham vida própria e não paravam nunca!

Enquanto alguns desses prédios, que eram fábricas e linhas de montagem, sugavam inexoravelmente o suor de operários ávidos por consumo inatingível, outras pessoas se divertiam, na plena exaustão desse consumo. A burguesia, imersa em música barulhenta e americanizada, dia e noite, permanecia alienada!

Essa burguesia desconhecia ou fazia vistas grossas às crianças famintas, miseráveis, por conta dessa atitude desprezível!

Triste, cabisbaixo, Osvaldo observava tudo isso e às vezes sentia um calafrio que percorria o corpo começando dos pés e lhe sufocando no pescoço.

Isso tinha que mudar – pensava – fechava os punhos, cerrava os dentes e dizia para si mesmo: tem que mudar!

Escutava-se, na conversa dos grupos pelas esquinas e nos bares onde se discutia os rumos do povo, escutava-se sempre alguém falando sobre um lugar melhor:

– Tem um lugar em que ninguém é mais do que ninguém. Todos têm vida boa e igual! Nesse lugar as pessoas se preocupam umas com as outras, tanto que, saiu em uma revista daqui do Brasil, todos os moradores de uma rua, saíram de casa e foram conversar com um pai que houvera batido em seu filho. Todos quiseram saber o que aconteceu, importando-se com o menino, como se fosse seu filho. Lá, é uma grande família e todos são iguais!

– E nesse lugar- continuava- todos têm tudo o que precisam para sobreviver, para estudar, enfim para servir e ser servido pela sociedade!

Logo alguém retrucava dizendo que isso não era possível por que na sociedade as pessoas, naturalmente, têm necessidades diferentes, até para poderem servir adequadamente com o seu trabalho e necessitam de ferramentas e objetos diferentes para poderem executar sua tarefa. Outra coisa que não se pode misturar é o sentimento que é puramente individual: a dor de cada um é única, apenas quem a sofre é que pode dimensioná-la!

- Dessa forma - prosseguia - um médico, por exemplo, precisaria muito mais de um carro para atender a uma pessoa doente, que estivesse à morte, enquanto um lixeiro, exemplificando também, poderia se locomover calmamente por que o seu serviço, embora igualmente fundamental, não levaria ninguém à morte pelo retardamento de sua chegada.

Osvaldo, então, explicava um tanto emocionado:

- Não amigo! Claro que não é igualdade assim....

Um médico – continuava – tem mesmo que possuir um veículo, mas seria um veículo apenas, e não um objeto para ostentação e para submeter os outros à sua vontade. Esse objeto não seria para exercer nenhum tipo de poder sobre os seus semelhantes.

Se o governo – continuava Osvaldo, emocionado – tiver que distribuir carros, os médicos e outras profissões onde isso seja fundamental terão prioridade!

Esses bens, desproporcionais e que fazem a burguesia arrogante; se você está fazendo um serviço na casa deles, então eles

conversam com você e deixam você entrar, mas quando terminar o serviço eles não lhe olham mais na cara. Eles têm vergonha em cumprimentar você, por que não tem roupas novas e objetos caros; assim é a burguesia!

Manoel, homem forte, negro, altura e compleição média que trazia um sorriso franco, aberto, e um olhar um tanto ingênuo e generoso, que vinha de uma família simples, humilde, pobre e muito trabalhadeira, ouvia tudo com muita atenção e achava incrível que as coisas, afinal, pudessem ser diferentes, como Osvaldo dizia.

Estava acostumado com essa vida carente de tudo com exceção do amor de sua mãe!

Ele não tinha mais o pai, que havia morrido em Minas Gerais, onde nasceu Manoel, e sua mãe, mulher que se destacava pela dedicação aos filhos viera para São Paulo para conseguir as coisas materiais que por lá se dizia possível aqui, e que seria fácil dar aos filhos alguma coisa a mais.

D. Iracema era uma mulher extraordinária!

Mesmo quem nunca tivesse visto D. Iracema, mesmo quem jamais ouvisse falar dela, poderia conhecê-la facilmente.

É que todos os seus filhos e filhas que totalizavam quatro, chamavam a atenção na rua pela maneira como se comportavam e como se vestiam, afinal.

A roupa deles podia ser velha e puída, mas sempre estava limpinha. Os sapatos podiam e eram mesmo velhos e geralmente não custavam caro, mas eles estavam sempre limpos e engraxados.

Era a D. Iracema que todos estavam vendo nas ruas, mesmo que ela, atarefada como era, poucas vezes pusesse os pés para fora de sua casa, alugada e muito simples. Quando ela saía era para fazer alguma compra nas redondezas e logo voltava para cuidar dos seus filhos.

Eles, os filhos, reconheciam isso em D. Iracema e procuravam honrá-la a todo o momento!

Manoel era um filho amoroso, obediente e todo o produto do seu trabalho, que era em um escritório de advocacia, ele entregava para sua mãe, para ajudar no sustendo da casa e para amenizar um pouco os problemas da mãe que dava duro como lavadeira, atendendo à vizinhança.

Não havia, por ali, quem não falasse bem de D. Iracema, mesmo quem nunca a tivesse visto ou falado com ela; até para esses ela inspirava muito respeito e Manoel, parecia, preservava-a da vulgaridade, da vida mundana!

Manoel e Osvaldo frequentavam- o que não era muito comum- o curso Normal, que se destinava a formar os professores que trabalhariam com as crianças no ensino fundamental.

Embora o curso fosse, como via a sociedade, para mulheres, até que na classe deles, havia um número relativamente grande de homens; mais ou menos doze.

Os homens se reuniam e falavam de política, mas as mulheres também se interessavam e ouviam atentamente.

Afinal a esperança era para todos!

Um dos melhores amigos de Manoel era o Marco Antônio que quando era chamado de Marcos, reagia nervoso, em tom de brincadeira, e dizia: “Já falei; eu sou um só! O meu nome é Marco, pô!”.

E o Marco, que todos teimavam em Marcos, não se definia claramente como de “esquerda”, ao contrário, tinha todas as outras características, porém era aceito pelo Manoel e pelos outros por que não discutia e não afrontava nenhuma ideia progressista. Além do mais, o Manoel era tratado muito bem pela mãe do Marcos que gostava muito dele.

O Manoel costumava almoçar e jantar na casa do Marcos e havia, realmente, uma amizade grande entre os dois.

2) MORRE D. IRACEMA

Naquele final de semana os dias eram plúmbeos, também; mas o eram, por outras razões; sentimentais, íntimas, vitais e existenciais para Manoel.

Tudo deveria correr bem, mas com o que ele tinha de mais precioso, não podia vacilar, logo ele, filho amoroso e dedicado!

É que D. Iracema foi internada para dar a luz.

Afinal, dar a luz é uma coisa normal, mas no caso de D. Iracema, que tanto trabalhava e não tinha tempo para cuidar de si mesma, era de se preocupar; Será que ela estava bem de saúde? Seu corpo definhado pelo trabalho incessante e pela alimentação insuficiente estaria em condições do parto, com tranquilidade?

Havia grande expectativa no irmãozinho que estava por vir e na saúde de D. Iracema. Todos esperavam pelo melhor, mas, infelizmente, aconteceu o pior.

D. Iracema faleceu no parto.

Um choque horrível para Manoel e seus irmãos que tinham em sua mãe, um esteio neste mundo tão difícil. Já eram tantas as dificuldades e agora, sem D. Iracema....

Manoel ficava calado e apenas seus olhos manifestavam a dor que estava sentindo. Todos podiam ver que, inconformado, o Manoel queria era morrer....

Para atenuar a dor ficou uma lembrança da necessidade de viver. Além dos irmãos mais novos, agora aquela criança que sobreviveu ao parto e gozava de boa saúde era um motivo para viver!

Consternados, os amigos de Manoel, procuravam absorver aquela dor.

Sabiam que Manoel estaria em apuros; Grandes dificuldades se anunciavam e a esperança de algum lenitivo, vinha da existência do companheiro de D. Iracema, o Jorge!

O Jorge era pouco conhecido de todos e como o Manoel não era de falar muito de sua intimidade, ninguém sabia nada sobre a sua personalidade! Restava acreditar no ser humano. Não era possível que um homem faltasse a aquelas crianças, justamente agora. O pensamento de todos era que estariam amparados!

Mas todos os amigos de Manoel, e especialmente Osvaldo, ainda teriam uma enorme surpresa. Uma enorme decepção os esperava já nos primeiros dias da morte de D. Iracema, aquela mulher trabalhadeira e honrada que tanto lutou por todos de sua família!

O Manoel faltou alguns dias nas aulas, e isso não era comum. Todos sempre sabiam o que ele ia fazer por que ele falava pouco, mas era de uma grande sinceridade! Sempre dizia a todos o que estava acontecendo!

Preocupados com a ausência, o grupo de colegas imaginou que o Manoel estaria ocupado com a burocracia e com o pagamento das despesas do funeral.

Era muito pior que isso! Quando o Manoel apareceu, seu semblante estava ainda mais triste e seu olhar se dirigia para o firmamento como que para aplacar a decepção que acabara de sofrer com o ser humano!

Um homem que não gosta de falar muito, nessa hora quer falar menos ainda por que não consegue organizar os seus pensamentos! Não consegue sequer rezar!

Mas, aí, o Manoel teve que falar. Falou pouco, mas o que falou, já doeu muito e causou profunda revolta.

Enquanto Manoel falava, Osvaldo se lembrava da solidariedade daquele homem de uma rua da Rússia, que saiu para atender a um menino!

E pensar que todos acharam que não faltaria o apoio de Jorge a aquelas crianças, agora, sem seu principal arrimo, D. Iracema!

Enganaram-se, Osvaldo e todos os outros. Se o sistema produziu alguma coisa de bom em nossa sociedade, com certeza, não fora o Jorge.

Sua falsidade veio à tona, quando, para ficar com aqueles pertences baratos, que eram de D. Iracema e das crianças, começou a atormentar a todos querendo pô-los para fora de casa.

- Você tem que ir embora! Tudo aqui é meu e vocês não podem ficar aqui!-Vociferava o Jorge- Vou arrumar outra mulher e vocês têm que cuidar da vida! Vão para onde quiserem!

Manoel, atônito com a tragédia, absorvia mais esse impacto doloroso da vida.

Osvaldo, muito revoltado, ofereceu-se para falar com o tal Jorge, porém, Manoel recusou:

- Não! Deixa, Osvaldo, eu vou dar um jeito; olhava para o chão, respirava fundo e calava-se!

Depois, passado um certo tempo o Manoel falou:

Acho que vou levar meus irmãos para Minas!

Mas como Manoel – interveio Osvaldo -? Não dá para fazer isso! É melhor arrumar uma casa e eles ficarem por aqui mesmo! Vamos procurar uma casa...

- Não! Vou levá-los para Minas! Lá eles ficarão bem! Meu pai tinha muitos amigos lá! O pessoal de lá gostava muito do meu pai e eu já falei com um deles. Eles vão ajudar!

- Quem é esse amigo do seu pai?

- É um baiano que está em Uberlândia há muito tempo e meu pai foi muito amigo dele! Ele vai ajudar! Eu sei que vai! – Manoel estava convicto-

Osvaldo ouvia apreensivo e se preocupou muito com o que lhe pareceu um futuro anuviado imediato! Um futuro com as sombras da dor e da separação!

Uma nuvem de tristeza se apossou dos dois que logo voltavam a falar de política, como que para esquecer essa dor muito mais profunda por que não era causada por nenhum descaso social; era pior: era um descaso natural; representaria, isso sim, uma desesperança enorme no ser humano.

Será que homens, com essa dureza de coração existem em qualquer sistema político? – perguntavam-se –

Não! Logo concluíam que o Jorge era um produto da mesquinhez do sistema capitalista, individualizado ao extremo, egoísta, insensível!

Osvaldo reiterava para si mesmo, ensimesmado em sua proposta de vida, o desejo de mudança desta sociedade humana.

Em um outro sistema, parecia claro, o Jorge não existiria, por que os bens materiais poderiam facilmente duplicar. Seriam repostos e não teriam valor de venda, por menor ou maior que fosse.

Imediatamente, nesse outro sistema, as crianças já seriam colocadas sob um novo teto e o Jorge seria chamada às falas! A coisa não ia ficar assim, não! – pensava-

No comunismo tudo é de todos e todos têm tudo, era o que se dizia!

Os amigos do pai de Manoel, em Uberlândia, interior de Minas Gerais, logo se dispuseram a receber as crianças em suas casas. Ficariam, de bom grado, com as crianças, apesar de sentirem a enorme responsabilidade que os aguardava!

Mas qualquer que fosse o tamanho da responsabilidade, eles não faltariam com a sua consciência; não iam eles, serem como o canalha do Jorge! É nessa hora, hora de dor, que se mostra o valor que se têm. A hora deles chegou; iam tentar, pelo menos tentar, amenizar aquelas agruras, aquela dor...

E que dor enorme! Aqueles irmãos, tão unidos, pelo amor de D. Iracema, teriam agora, que se separar por causa de um energúmeno e por causa da falta de recursos que a sociedade dispôs à família!

O Manoel trabalhou, pagou impostos e tudo o mais e agora o governo lhe deixa sozinho! Abandonado! – pensava Osvaldo – Isso é o capitalismo!

Mas havia que se conformar. Havia que aceitar o destino, já tão áspero, até agora e que se anunciava pior ainda! Era necessário agora, se conformar para depois, mudar o destino!

Eles venceriam esse destino! Haveriam de vencer por sua bravura e pela herança de D. Iracema e do falecido pai do Manoel; Além do mais, o sistema do país estava prestes a mudar e tudo isso iria desaparecer; tudo ia mudar. Quando viesse o comunismo as pessoas seriam melhores e não faltaria nada para ninguém

Em um país tão rico como o Brasil e um povo que, a despeito de ter produzido o Jorge, tinha muita gente boa, gente presa às melhores raízes!

Essa gente vai derrubar o sistema! Vencerá a desgraça que os americanos querem nos impingir!

Osvaldo se dispôs a acompanhar o Manoel na triste viagem. Iriam de trem para Minas Gerais, levar os irmãos menores de Manoel e os distribuir entre os amigos do pai dele.

3) A viagem

Por que todos ficavam tão quietos? Que pensamentos eles tinham?

Oswaldo olhava os pequenos olhos de Marta Helena, a irmã mais velha de Manoel, que era uma morena muito bonita e havia puxado, de sua mãe, a determinação e coragem para enfrentar as agruras.

A Marta Helena tinha um olhar entre triste e revoltada, inconformada!

Olhava para Oswaldo, dava um ténue sorriso e voltava para sua intimidade!

Como estaria ela? – perguntava-se Oswaldo e ele mesmo concluía em seguida – Claro que não pode estar bem!

Deixando tudo para trás e saindo para um futuro tão incerto, como poderia estar bem? O que será que ela está pensando?

Ao pensar sobre isso Oswaldo olhava para Marta Helena, esboçava um sorriso meio sem jeito e tentava dissimular!

Seria possível dissimular?

Os outros irmãos, mais novos, parecia não entenderem o que estava acontecendo!

Oswaldo divagava sob o barulho monótono do trem! Várias vezes se levantava e caminhava pelos vagões, como que, para escapar dos pensamentos que o invadiam.

Pensava sempre como o destino e a sociedade haviam sido injustos para com aquelas pessoas, que entanto, bravamente olhavam para o futuro.

O que poderia acontecer? O que os esperava?

Oswaldo, no barulho do trem, pensava como seria esse amigo do pai do Manoel, que se dispôs a ajudar em um momento tão decisivo.

Olhava os olhos de Marta Helena, apreensivos e insatisfeitos por que ela, efetivamente, não queria ir para Minas. Ninguém poderia saber por que, mas era fácil perceber que ela ia contrariada! Deixar tudo para trás não é uma coisa fácil, mesmo naquelas circunstancias!

Havia uma troca de olhares!

Oswaldo pensava: Tudo dará certo, um dia! E Marta Helena parecia perguntar resignada: O que será?

Manoel pouco conversava! Apenas olhava com muita responsabilidade para os irmãos. Protegia-os com seu olhar, agora paterno, e seu sorriso franco, que procurava demonstrar uma confiança forçada!

Tinha que inspirar confiança em seus irmãos ou tudo estaria perdido!

4) Chegando a Uberlândia

O que saltou aos olhos, para Oswaldo, foi a estima que o pessoal de Uberlândia tinha pelo pai de Manoel.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

